

CAPÍTULO I

A Ciência Hermética

1 — O mistério da Química

A Ciência a que hoje damos o nome de Química chamou-se, em tempos remotos, Ciência Hermética, Arte Sagrada, Ciência Divina, Ciência Oculta, Arte de Tote e Arte de Hermes. Todas estas denominações envolveram o estudo primário dos fenómenos químicos numa atmosfera de mistério, o qual, aliás, surgiu por si, naturalmente, da própria índole misteriosa desses fenómenos.

Fenómenos químicos lhes chamámos, embora as designações de «Sagrada, Divina e Oculta» pareçam termos pouco apropriados a um labor científico. Contudo, o nome que hoje daríamos à investigação feita sob a protecção de Hermes ou de Tote seria, sem dúvida, o de Química, pois a misteriosa ocupação consistia em provocar e observar as transformações da matéria.

É certo que a perturbação causada nas imaginações pelos resultados admiráveis às vezes obtidos levou, pelos tempos fora, muitos especuladores a concepções fantásticas, a sonhos desmedidos, a loucuras perigosas que não interessam à Química mas são curiosos documentos humanos. Ao lado destes, porém, quantos investigadores honestos e convictos cujos nomes e obras estão guardados no silêncio da História!

Se é certo que todo o saber cativa, também é certo que, dos seus ramos, alguns nos prendem com maior deleite. A Química é,

sem dúvida, um desses ramos. A atracção do seu estudo perturba profundamente. Ontem como hoje, quem se inicia nos trabalhos da Química, logo reconhece, vivo e palpitante, o que nela existe de «Arte Sagrada» e de «Ciência Oculta». Quando, em tempos remotos, um sacerdote egípcio se afastava do convívio geral para, misteriosamente, estudar a transformação de certa substância, escondido num compartimento dum templo de Tebas, o espanto dos seus olhos pouco deveria diferir da atitude pasmada do estudante dos nossos dias quando, na sua escola, vê, pela primeira vez, o professor realizar um fenómeno químico, ali, na sua frente. Que extraordinário espectáculo é, para o principiante, a simples coloração vermelha que a gota incolor dum líquido ácido concede ao azul de tornesol!

O poder de sugestão da Química foi sempre enorme. É por ela que se torna doce o que era amargo, azul o que era amarelo, aromático o que não tinha cheiro, venenoso o que era inofensivo; é por ela que se transformam o ar, a água, o carvão, a madeira em matérias plásticas, em combustíveis, em líquidos coloridos, em dissolventes cristalinos. A Química recorda sempre as artes mágicas, as bruxarias tenebrosas, os sonhos deliciosos das fadas. Permite admitir a realização de quanto é estranho e inverosímil, a transformação do metal vil em ouro refulgente, a preparação do líquido que se bebe e nos concede a juventude eterna, a maçã que se trinca e torna a menina, que era triste e feia, na mais alegre e bela de todas as meninas.

2 — Arte Sagrada, porquê?

Por que se deu à Química a designação de Arte Sagrada e de Ciência Divina?

A razão não é difícil de entender. Uma vez estabelecida a ideia da criação original do mundo, isto é, da criação de todas as matérias que o compõem, por uma entidade divina, fica naturalmente reservado para tal entidade o poder de criar. Criar é qualidade específica da divindade. Se outros seres pudessem, porventura, criar,

deveriam tamanha graça à benevolência do deus que Iha tinha concedido.

O que se diz do criar dir-se-á do transformar. Transformar a matéria é criar-lhe propriedades diferentes e, portanto, novas. Isso competirá igualmente à divindade.

Deste modo nos aparecem a religião e a prática dos fenómenos químicos intimamente ligados na sua origem. Aqueles que se dedicam à Arte Sagrada não podem, forçosamente, ser homens como outros quaisquer. São homens que a divindade escolhe para, graciosamente, os investir no poder de criar. Para a concessão desta graça não vai a divindade escolher o homem apagado das ruas, tão apagado e miserável que o olhar divino não o encontra ao atentar na multidão dos mortais. Os homens escolhidos serão de casta privilegiada, estarão habituados ao trato dos deuses e ao fácil alcance das suas benesses. Serão, naturalmente, os sacerdotes.

Esta é a razão plausível por que, nos tempos recuados da História, os sacerdotes do Egipto se dedicavam à prática dos fenómenos químicos, isto é, à Arte Sagrada.

3 — As fontes da Arte Sagrada

Dos documentos que possuímos, aqueles onde se fala, pela primeira vez, numa Ciência Divina, numa Arte Sagrada, facilmente identificável com os conhecimentos a que hoje chamamos químicos, parece terem sido escritos no III século da era cristã. Esta primeira informação escrita numa época tão adiantada na história dos povos como já é o III século, mostra, em parte — e temos razões para pensar assim —, o mistério com que a Arte Sagrada se envolveu para que nenhum conhecimento dela chegasse às mãos de profanos. A filosofia grega dos últimos séculos anteriores a Cristo parece ter passado junto da Ciência Divina sem lhe dedicar atenção ou sentir interesse pelos seus conceitos teóricos e realizações práticas.

Na documentação destas velhas eras surge, pode dizer-se, de repente, a nova Ciência, já adulta, bem distinta, com seu âmbito tão

esboçado e suficientemente claro que a podemos olhar como força de preocupação mental já poderosa e de longo e amadurecido passado. Tudo nos indica tratar-se de velhos conhecimentos que as sucessivas gerações guardaram interesseiramente e repetiram em segredo até o dia em que o público os conheceu, embora cobertos com o manto espesso das alegorias e das notações simbólicas.

Os documentos mais antigos que se conhecem a respeito da Arte Sagrada são uns papiros encontrados em Tebas, velha cidade do Egipto e uma das mais notáveis da História. Nos princípios do século XIX, Anastasi, vice-cônsul da Suécia em Alexandria, conseguiu reunir um conjunto de curiosidades milenárias do Egipto e, entre elas, vários papiros que o colecionador cedeu em 1828 ao Governo dos Países Baixos. Eram estes documentos, de valor inestimável, escritos uns em caracteres gregos, outros em hieróglifos e, outros ainda, na escrita corrente dos Egípcios a que se dá o nome de demótico. Foram os papiros devidamente estudados, catalogados e arquivados. Os assuntos de que tratam são vários, e apenas interessam à Química os papiros que foram designados na catalogação pelas letras V, X e W¹.

Desses três, o papiro X, a que nos referiremos largamente, é um manancial de conhecimentos inesperados e valiosíssimos para o estudo da origem da Química. Foi esse papiro encontrado, como se disse, em Tebas e, após a cedência que dele fez Anastasi aos Países Baixos, estudado, além de outros, por Reuvens, director do Museu de Leida, e por Leemans, que lhe sucedeu no lugar. Por tal motivo, também se conhece com o nome de «papiro de Leida».

O estudo destes documentos permitiu concluir que a sua escrita é do século III depois de Cristo, em época já bastante avançada em relação ao apogeu dos Egípcios. Entretanto, como o saber que nelles se contém exigiu, decerto, tentativas laboriosas de muitas centenas de anos, podemos indirectamente levantar a pontinha do véu que envolve o passado em que foram escritos.

1 Assim os indica Berthelot em *Introduction à l'étude de la Chimie des Anciens et du Moyen Âge*, 1889. O mesmo autor em *Origines de l'Alchimie* refere-se aos mesmos manuscritos, já não designados por letras, mas, respectivamente, pelos números 65, 66 e 75. Esta é a numeração de Reuvens, director do Museu de Leida.

Existem também pelas bibliotecas da Europa outros documentos mais modernos que se referem à Química, tratados misteriosos onde a magia e a técnica se confundem. Todos interessam grandemente, mas os de Leida são sobremaneira preciosos. Enquanto os outros são cópias de originais perdidos, os de Leida são os próprios cadernos, os autênticos, onde os velhos técnicos da transformação da matéria anotavam os conhecimentos transmitidos pelas gerações de estudiosos antepassados.

Berthelot, de cujas excelentes obras (citadas na nota anterior) são aproveitadas as informações deste parágrafo, pensa mesmo que o monumental papiro de Leida seria o caderno de apontamentos de um técnico egípcio que, por rara felicidade, escaparia à minuciosa destruição que o imperador Diocleciano mandou fazer no ano 290.

Além dos papiros de Leida, que constituem a mais antiga fonte documental para a história da Química, existem outros manuscritos, em diferentes bibliotecas da Europa, aos quais se atribuem datas que oscilam entre o século XI e o XVI. Apesar de tão distantes da origem dos papiros de Tebas são prolongamento deles, cópias de cópias, sempre avidamente repetidas e manuseadas, sempre na linha disciplinar dos mesmos conceitos que atestam a marca da origem remota. Destes, o mais velho de todos é o chamado manuscrito de São Marcos existente na biblioteca italiana do mesmo nome. É do século XI. Dos restantes, os de maior importância para a História pertencem à Biblioteca Nacional de Paris.

Se devemos a Reuvens e Leemans o estudo aturado dos papiros de Leida, devemos à paciência e erudição de Ferdinand Hoefler a leitura e análise dos manuscritos gregos da Biblioteca de Paris. Ele próprio escreve: «é da preciosa coleção de manuscritos gregos da Biblioteca Nacional de Paris que vamos, *pela primeira vez*, extrair quase tudo quanto se sabe acerca da Ciência Sagrada ou Arte Divina e Sagrada.»¹

1 *Histoire de la Physique et de la Chimie*, edição de 1900, pág. 346. No prefácio da 2ª edição é interessante ler as queixas de Hoefler contra as dificuldades que encontrou na publicação da sua magna obra. Nenhuma casa a quis receber. Que é isso da História da Química? — perguntavam-lhe. Isso não está nos programas de ensino!

Mesmo depois de Hoefler ter quebrado o encanto, raros têm sido os apreciadores do assunto, razão por que nos agrada trazê-lo a público.